

Retratos



Jantaradas

Líder, candidato do Roseiral à presidência do Burgo, reuniu quatro mil pessoas num jantar de apresentação da sua candidatura. —“Aquilo foi um mar de gente, só comparável ao que Perfeito teve há quatro anos atrás”, referia Jeremias, presidente da Brigada do Reumático que nessa sexta-feira trocara o bife na pedra pela carne estufada e pelos discursos.

—“Eu atrasei-me e já só consegui mesa fora da sala principal”, referia Nequinhas, que apesar do seu metro e oitenta e dos seus 60 anos, continua a ser tratado pelo diminutivo.

—“Pois eu fui das primeiras a inscrever-me e para além de cumprimentar Líder, ainda tive tempo de dar dois beijinhos ao nosso presidente Perfeito”, argumentava Adalberto, 65 anos, que de quando em vez tentava tirar umas fotografias ao palco com a sua máquina de bolso. — “Não se vê lá muito bem, mas eu depois digo aos meus netos quem é que lá está”, acrescentava.

A jantarada durou o que estas coisas habitualmente demoram e Jeremias está já a preparar-se para a apresentação pública do candidato do Laranjal, Vivendas, a qual decorre esta semana no Monte do Cowboy. —“Prometi a mim mesmo que irei ouvir todos os candidatos e na sexta-feira farei isso mesmo”, disse.

—“Assim não podes assistir ao encontro das bandas filarmónicas do Condado nos Sabores da Feira”, respondeu Godofredo, secretário geral da BR.

—“Tu fazes a gravação que eu depois vejo na internet”, argumentou Jeremias, para depressa explicar: “não quero que a Brigada do Reumático seja acusada de censura política pelo Laranjal. Aqui somos todos democratas e eu sempre disse que iria ouvir as propostas de Vivendas. É isso que vou fazer”.

—“Fazes bem Jeremias. Mas eu prefiro ir até à feira provar uns produtos da terra e ver como tocam as nossas filarmónicas”, afirmou Evaristo, que já se mostra farto da campanha eleitoral, mesmo antes dela ter começado.

—“Com um bocadinho de sorte ainda vejo a última banda. Caso contrário marcamos encontro no Largo do Santo João, para uma sardinhada noturna que a essa hora da noite a fome apertará e a cabeça precisa de descansar”, prometeu Jeremias já a pensar nas ditas...

JC

Hora a hora, o país piora

No reino da instabilidade

Quando o desconforto e a aflição perturbam o estado normal da nossa vida, costumamos dizer: “temos que viver um dia de cada vez”. Vivemos intensamente o presente, porque o “futuro a Deus pertence”. De facto, a cada um de nós, resta-nos apenas a memória do passado e a vida do momento presente. É a lei da vida. Só que, para poder-mos organizar, minimamente, o nosso dia a dia, necessitamos de alguma previsibilidade quanto ao futuro, embora sempre incerto. É em função deste que a vida ganha força e sentido. Deste modo, todos perspectivamos a nossa vida com os olhos no futuro. Apesar de incerto, nele colocamos os nossos sonhos e projectos de vida. Uma grande parte da nossa felicidade, é projectada e já vivenciada, como se o futuro fosse já presente. O sonho comanda a vida, lá diz o poeta.

Vem isto a propósito da situação actual do nosso país onde o sonho se encontra numa situação de grande atrofiamento. O sonho pode esperar...

Como nos distinguimos dos outros animais, pela nossa capacidade

de vivenciarmos o futuro, como se fosse, de alguma maneira, já presente, a nossa humanidade pode ficar limitada a tal ponto que o estado depressivo que nos envolve, nos pode invadir e impedir de saborear o presente.

A democracia, como o regime mais avançado da previsibilidade - a lei e a igualdade dos cidadãos perante ela, é o seu fundamento - quando deixamos que o reino da instabilidade se instale nela, irremediavelmente, irá definhando. Os ditadores sabendo disso, aproveitaram as situações de instabilidade e acabam por tomar conta do poder, com argumentos demagógicos e populistas. O nosso exemplo pátrio, a ditadura salazarenta, mostra-o à evidência.

Em Portugal, presentemente, estamos a viver uma situação político-social de tal modo instável que, se não mudarmos de rumo, o pior poderá acontecer. Avancemos apenas com alguns exemplos.

Os alunos do 12º ano que não sabiam se havia exames. Os pro-



Florentino Beirão professor

fessores vislumbrando um futuro nebuloso. O pagamento do subsídio de férias, violando a lei, atirado para quando der jeito ao Governo. Os alunos que estão a fazer as suas festas de fim de curso a consultarem já a Internet à procura de um emprego no estrangeiro. Os funcionários públicos, debaixo

da ameaça do despedimento, em grande escala, sem saberem o dia de amanhã. Os desempregados ignorando o seu futuro. A situação política resvaladiça, entre os partidos da maioria - cai, não cai o Governo... A nossa máldita dívida externa que jamais poderemos pagar nas próximas décadas. A cultura e os artistas a morrerem à míngua. A classe média, erguida tão lentamente, no pós 25 de Abril, a sumir-se a olhos vistos. A pobreza a galopar. Metade dos nossos idosos a viverem sozinhos em aldeias vazias de vida moça. O Presidente, com um discurso cá dentro, e outro lá fora...

Há quem chame a esta situação de “puro terror”. Outros apelidam-

na de “declaração de guerra”, contra indefesos cidadãos. Cada um a sentirá e viverá a seu modo.

O que sabemos como certo, é que esta doença colectiva, necessita de um virar de página em que a pessoa, e não o número, se encontre no centro da reflexão e da decisão política. Sabemos ainda que, com líderes fracos perante o exterior, e rigorosos para com os seus, não vão muito longe. Sabemos ainda que vivermos numa Europa desnordeada, em que cada um puxa para onde pode, não pode resultar.

Esgotada que está a confiança nos políticos - as sondagens não enganam - onde procuraremos a necessária estabilidade para confiarmos na democracia, cada vez mais formal. Brincar, levemente, com coisas muito sérias, dará sempre péssimo resultado.

Hoje, como ouvimos por todo lado, o que é certo e sabido, “hora a hora, o país piora”.

E cuidado com o chamar nomes aos políticos. Eles andam por aí disfarçados para nos irem aos bolsos. Oh Elvas, oh Elvas...

florentinobeirao@hotmail.com

Crónica

Idanha brilha na Europa

Como diria o povo, ele há coincidências! A 12 de Junho, em terra de ninguém, ou melhor das Nações Unidas, em plena ilha de Chipre, mas na denominada Buffer Zone, entre território cipriota e turco, na cidade de Nicósia, encontrei o italiano Alessio del Sarto, que mora em Alessandria, perto de Milão e estudou, durante seis meses, em... Idanha-a-Nova.

Passaram 10 anos. Alessio del Sarto veio para Idanha, para a Superior de Gestão, estudar Contabilidade e Gestão Financeira. Foram seis meses que guarda num lugar especial da memória, tal como faz com o português, que fala bem, apesar do curto tempo de aprendizagem. Então tinha 22 anos. “Em Itália estudava Métodos pra a Gestão do Território, na Faculdade de Ciências Políticas. Uma professora falou-me do Erasmus e eu queria ir para um país quente como a Itália”, refere ao Reconquista, na curta conversa estabelecida ao almoço.

Encontrámo-lo na primeira reunião do Projeto Mediane, da Comissão Europeia e Conselho da Europa, centrado na defesa da diversidade na cobertura jornalística. Entre 90 especialistas de 47 países do Conselho da Europa, Alessio foi um dos selecionados. Gere o projeto jornalístico online Alessan-



Alessio del Sarto e Vitor Tomé

dria News, fruto dos seus estudos na área da gestão e da Sociologia das Organizações, que frequentou depois.

Os estudos por cá ficaram no coração, mas nesse local há um espaço maior para as pessoas. “Os estudos foram muito bons. Mas nada em comparação com as pessoas de Ida-

nha, com os estudantes”. Voltou ao distrito anos depois, para rever amigos e vai voltar em outubro de 2014 para o voltar a fazer. Mas não ficará por aqui. “Idanha tinha estudantes de todo o país, incluindo da Madeira e dos Açores. O que encontrei foi único. Uma combinação mágica de pessoas, sítios e ocasiões. Gente

sincera, magnífica”, diz, enquanto vai recordando que não esquece as noites de sueca nem a praxe a que foi sujeito.

E assim a Superior de Gestão de Idanha-a-Nova, a ESGIN, tem embaixadores na Europa. E o Politécnico de Castelo Branco marca pontos, pois, contando comigo, dois dos 90 especialistas presentes estudaram na instituição. E isso é bom. Para nós e para a região.

E por falar em coincidências, lembro-me de um célebre dia de 2012 em que partilhei uma foto do meu amigo José Saraiva, um albacastrense que fazia 50 anos e vive em Manly, a dois passos de Sidney, na Austrália, e que visitámos em 2011. Dias depois, um outro albacastrense, o António Corgas, que vive em São Francisco, nos Estados Unidos da América, onde estivemos em novembro de 2010, escrevia-me numa mensagem que tinha descoberto finalmente o seu amigo José Saraiva, que não via há mais de 20 anos.

Com Facebook, ou sem ele, o certo é que Castelo Branco está no mapa, bem representado, em diferentes continentes. E o Reconquista, que os três senhores referidos nesta crónica leem e conhecem, não podia esquecer isso.

Vitor Tomé